

10
-

Homenagens



sem título

Ti-Mi
2011

Homenagens

Este espaço é dedicado a homenagear autoras e autores em suas presenças, tradições e legados. Preservar memórias e mantê-las vivas é uma forma de assegurar um campo de comunicabilidade ativa entre tempos e sujeitos, mantendo visibilidade perene para autorias e obras que marcaram a produção literária: rememora-se para resistir ao apagamento sistêmico que atravessa nossa sociedade e para agradecer os ensinamentos partilhados.

No primeiro número, a Revista Firminas homenageia:

- Ruth Guimarães, presente!
- Toni Morrison, presente!
- Elis Regina Feitosa do Vale, presente!
- Nascimento Morais Filho, presente!
- Tula Pilar, presente!

As pesquisas de Nascimento Morais Filho e o resgate da vida e obra de Maria Firmina dos Reis

RESUMO

O presente artigo ressalta o trabalho do poeta Nascimento Morais Filho enquanto pesquisador da literatura e cultura brasileira, em especial a maranhense. Faremos uma breve jornada por sua vida, obras e pesquisas, mas nos deteremos em seus esforços dedicados ao resgate da memória e da obra da autora Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista do Brasil. Destacaremos a importância do livro *Maria Firmina - fragmentos de uma vida* (1975), o qual se encontra em edição esgotada e é de autoria de Morais Filho. Este é um livro que consideramos ser o ponto de partida para um entendimento mais justo sobre a historiografia da obra de Maria Firmina, e por sua importância, consta nas referências mais atualizadas sobre a autora.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa. Literatura. Maria Firmina dos Reis.

Natércia Moraes Garrido

Mestre e Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela PUC - SP; Professora efetiva das disciplinas de Língua Portuguesa, Inglesa e Literatura no Instituto Federal do Maranhão; Professora efetiva das disciplinas de Literaturas de Língua Portuguesa e Latim na Universidade Estadual do Maranhão (ambos os campi situados em Caxias - MA); e possui o Blog A Beletrista, onde escreve resenhas literárias desde 2010.

naterciagarr@gmail.com

O POETA MARANHENSE José Nascimento Morais Filho (1922-2009) se insere no Modernismo brasileiro, já que começa a produzir e publicar seus escritos a partir da década de 1950. Bem antes, porém na década de 1940, já iniciava sua trajetória literária ao fundar, junto com outros intelectuais maranhenses, o grêmio literário Centro Cultural Gonçalves Dias “considerado o mais importante movimento cultural de São Luís da década de 40” (SANTOS NETO, 2005, p.192). Este Centro tinha a proposta de debater literatura e cultura em geral, e mostrar produções novas ao cenário literário local com o objetivo de inserir de vez o Maranhão na estética modernista.

Nascido em São Luís, capital do Maranhão, ele não poderia ter desempenhado outra função social, além da do homem engajado que foi, pois advinha de uma família com raízes intelectuais: era filho de outro ilustre homem das letras maranhenses, o escritor e jornalista José Nascimento Morais. É importante acrescentar que suas mães, tanto a biológica, d. Francisca Bogéa, quanto a que o criou desde bebê, d. Ana Augusta (chamada de Sinhá), eram ambas professoras e mulheres cultas. Vivendo em tal seio familiar, dificilmente se poderia pensar em ter outra dedicação na vida que não a de escritor. Porém, oficialmente, Morais Filho trabalhava como Fiscal de Renda do Estado do Maranhão, profissão que exerceu até sua aposentadoria na década de 1980 e que lhe permitiu viajar bastante pelo interior e ter contato com pessoas de todas as classes sociais:

Interpretando: deram-me (fiz concurso) de Fiscal de Rendas, que quer dizer: a arte de arranjar inimigos para a gente e dinheiro para os cofres públicos e, sem querer, eleitores para o partido do governo... Então, aproveitando meu ‘degredo’, resolvi prestar o ‘relevante e inestimável’ serviço às letras maranhenses, à terra maranhense e especialmente ao folclore maranhense [...], recolhendo tudo o que me tem sido possível e como tenho podido, a fim de que os doutos folcloristas de nossa terra aproveitem (se houver algo, claro) e estudem. (MORAIS FILHO, 1957, p. 250-251).

São essas recolhas orais que permitiram o início de uma vida de pesquisas sob o intento de revelar aos próprios maranhenses, quiçá ao Brasil e ao mundo, a cultura e a literatura de um Estado situado meio ao Norte, meio ao Nordeste e de uma capital que um dia foi conhecida e reconhecida como a Atenas Brasileira.

A obra de Morais Filho é bem abrangente. Como poeta publicou 3 livros: *Clamor da hora presente* (1955), *Azulejos* (1963) e *Esfinge do Azul* (1973). Como pesquisador destacamos as seguintes publicações: *Pé de conversa* (1957), obra que agrega lendas, adivinhações, orações, quadras, cantorias, oráculos, provérbios e expressões populares das mais variadas; *Esperando a Missa do Galo* (1973), coletânea de contos natalinos de autores maranhenses que abarca um período de 150 anos; *Maria Firmina, fragmentos de uma vida* (1975), obra que resgata praticamente todo o aporte literário escrito por Maria Firmina dos Reis, deixado às sombras da literatura brasileira até aquele momento; e o resgate e reedição da obra *A metafísica da Contabilidade Comercial* (1987) de Estevão Rafael de Carvalho (1842-1846, Bacharel

em Matemática, catedrático de Comércio do Liceu Maranhense, poeta, jornalista, orador e político).

Como celebramos em 2019 os 160 anos de publicação do romance *Úrsula* (1859), bem como o primeiro ano do Memorial de Maria Firmina dos Reis, trataremos a seguir sobre o trajeto percorrido por Moraes Filho enquanto pesquisador da obra, e da história de vida da primeira romancista brasileira que resultou na publicação do livro-pesquisa *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*.

MARIA FIRMINA, FRAGMENTOS DE UMA VIDA

É importante destacar novamente que Moraes Filho sempre teve sangue de pesquisador correndo em suas veias, apesar de nunca ter frequentado os bancos de uma universidade. E foi realizando uma pesquisa em 1973, por iniciativa própria, sobre contos natalinos maranhenses em jornais do século XIX na Biblioteca Pública do Estado, a biblioteca Benedito Leite, que o poeta se deparou com os poemas de Maria Firmina dos Reis, assinados sob o criptônimo “M.F.R” e com resenhas críticas do romance *Úrsula*, que já revelavam o nome completo da autora:

Descobrimo-la casualmente em 1973, ao procurar nos bolorentos jornais do século XIX, na Biblioteca ‘Benedito Leite’, textos natalinos de autores maranhenses para nossa obra ‘Esperando a Missa do Galo’. Embora participasse ativamente da vida intelectual maranhense publicando livros ou colaborando quer em jornais e revistas literárias quer em antologias – ‘Parnaso Maranhense’ – cujos nomes foram relacionados em nota, sem exceção, por Sílvia Romero na sua ‘História da Literatura Brasileira’, registrada no

‘cartório intelectual’ de Sacramento Blake – o ‘Dicionário Bibliográfico Brasileiro’ – com surpreendentes informações, quase todas ratificadas por nossa pesquisa, Maria Firmina dos Reis, lida e aplaudida no seu tempo foi como que por amnésia coletiva totalmente esquecida: o nome e a obra! (MORAIS FILHO, 1975, p. 09).

Percebemos logo no início de seu relato que Moraes Filho sabe que não *descobriu* Maria Firmina, e sim a redescobriu, pois entendia que a memória dos feitos dessa mulher haviam se apagado da cultura maranhense. Sobre o resgate da própria literatura maranhense, em termos gerais, ele lamenta que é algo raro e complicado de se executar; é muito fácil cair no esquecimento quando se é autor no Maranhão:

As edições dos livros dos literatos maranhenses, que vivem em São Luís – raros não são de poesia – em regra geral são de trezentos exemplares, poucos atingem quinhentos, raros alcançam mil e, além desta excepcional tiragem – poesia ou prosa – é loteria. Se em nossos dias é assim, imaginemos, sem esforço, no século passado, quando as edições eram feitas para atender a um quase inexistente mercado consumidor! (MORAIS FILHO, 1975, p.10).

Tal relato já denota a angústia que consumiria o pesquisador por um bom tempo ao lembrar que não havia encontrado ainda um exemplar de *Úrsula* (1859), apesar de ter vasculhado, naquele ano de 1973, toda a biblioteca pública do Estado do Maranhão. Ele também tem bastante trabalho ao tentar encontrar o livro de poemas *Cantos à beira-mar* (1871), só consegue reunir alguns em sua pesquisa. Moraes Filho publica em edição fac-similar *Cantos à beira-mar* somente em 1976, um ano após

a publicação de sua pesquisa *Maria Firmina – fragmentos de uma vida*:

Mas o não haver encontrado o seu livro de poesias, embora decerto algumas estão reunidas neste volume com o nome de ‘Cantos à beira-mar’, numa alusão ao título do livro, é sofrimento. O pesquisador é – e deve ser – um insatisfeito, porque ele é um criador de novos mundos e um recriador de humanidades. (MORAIS FILHO, 1975, p.14).

No capítulo *Notas*, localizado ao final da edição fac-similar de *Cantos à beira-mar*, Morais Filho torna a dizer como descobriu Maria Firmina dos Reis e afirma de forma contundente que em 11 de novembro de 1973 “revelei ao Maranhão e ao Brasil o meu descobrimento em entrevista que concedi a *O Imparcial*, a qual foi transformada em longa notícia pela Agência Meridional e divulgada pelos jornais da Cadeia Associada.” (REIS, 1976, p.209).

A pesquisa de Morais Filho é recheada de informações que atestam sua jornada de pesquisador, repleta de comprovações fotocopiadas de documentos dos séculos XIX e XX, e de entrevistas com inúmeras pessoas que participaram do convívio de Maria Firmina, pois ele empreende viagens à cidade de Guimarães, onde a autora viveu grande parte de sua vida. Lá ele também busca um exemplar do romance *Úrsula*, o qual não encontra na biblioteca municipal de Guimarães nem com as pessoas que a conheceram. Os filhos adotivos de Firmina, d. Nhazinha Goulart e o sr. Leude Guimarães, lhe contarão inúmeras histórias sobre a professora que ousou, já aposentada, fundar uma sala mista de educação gratuita para os pobres.

Diante de um extenso recolhimento de material, Morais Filho refaz o trajeto da vida e da obra de Maria Firmina dos Reis. Seu livro-pesquisa está dividido da seguinte forma:

1) *Introdução*: nessa parte ele explica como se deu sua pesquisa e fundamenta seus argumentos sobre pesquisa literária e o papel do pesquisador, citando críticos literários como Ezra Pound e Afrânio Coutinho, passando pelo relato da dificuldade, como já dissemos anteriormente, de se resgatar a produção literária maranhense;

2) *Apreciações críticas*: nesta parte, Morais Filho mostra os textos de recepção crítica coletados em periódicos do século XIX. São quatro textos que enaltecem *Úrsula*, e um que se refere aos poemas de Firmina. Destacamos um trecho do jornal *A Verdadeira Marmota*, datado de 13 de maio de 1861, que consideramos um posicionamento interessante a respeito da publicação de *Úrsula*:

O aparecimento do romance *ÚRSULA* na literatura pátria foi um acontecimento festejado por todo o jornalismo e pelos nossos homens de letras, não como por indulgência, mas como homenagem rendida a uma obra de mérito. Em verdade que o é esse livro, que se apresentou sem nome de autora, modestamente e ainda sem apregoadores.[...] (MORAIS FILHO, 1975, p.19).

Nessas apreciações críticas coletadas por Morais Filho não aparece nenhum texto que possa denegrir ou injustiçar a escrita de Firmina como algo fútil, inútil ou dispensável apenas por ser mulher. Essa atitude imparcial da crítica do século XIX, praticada pela pena masculina, para com um romance escrito por uma mulher é de fato surpreendente.

3) *Síntese bibliográfica*: neste capítulo Morais Filho nos dá a biografia e bibliografia da autora, mas não só isso. Ele a situa tanto no âmbito da cultura maranhense quanto no da Literatura brasileira, é aí que já visualizamos *Úrsula* (1859) como o primeiro romance escrito por uma mulher, estabelecendo Maria Firmina como a primeira romancista do Brasil bem como a primeira mulher a escrever um romance pertencente à estética romântica no Brasil. O pesquisador também coloca *Gupeva* (novela literária publicada em 1861, em folhetins) como o segundo texto indianista da Literatura Brasileira (o primeiro é o romance *O Guarani* de José de Alencar, publicado em 1857) e coloca a autora do conto *A escrava* (1887) como a primeira mulher a escrever um texto de ficção abolicionista brasileira;

4) *Cantos à beira-mar*: aqui Morais Filho reuniu alguns poemas de Maria Firmina que havia encontrado na época da pesquisa, novamente em periódicos do século XIX (*Eco da Juventude*, *Semanário Maranhense*, *A Verdadeira Marmota* e *Almanaque de Lembranças Brasileiras*), e que datam da década de 1860. São eles: *Poesia*, *Minha vida*, *A uns olhos*, *Uma hora na vida*, *Não me ames mais*, *Por ver-te*, *Saudades*, *A Constância*, *Dedicação*, *Ao amanhecer o pôr do sol*, *A vida*, *Não me acreditas!*, *Amor perfeito*, *Elvira*, *Hosana*, *T...*, *O canto do Tupi*, *Meditação* e *Aventura*;

5) *Outros acordes*: aqui há mais oito poemas que foram coletados de outras fontes, no caso os jornais e semanários maranhenses *Revista Maranhense*, *O País*, *A Pacotilha* e *O Federalista*. Esses poemas foram publicados entre 1885 e 1903.

É importante ressaltar que muitos desses periódicos do século XIX já se encontram parcialmente ou totalmente digitalizados. Existe atualmente um sítio online que comporta o acervo digital de muitas obras que integram a Biblioteca Pública Benedito Leite (vide referências).

6) *Poemas em prosa*: aqui constam os textos *Meditação* e *Página íntima – um artigo das minhas impressões de viagem*, publicados respectivamente em *O Jardim dos Maranhenses* (25/11/1861) e em *O Domingo* (01 e 08/09/1872);

7) *Gupeva - romance*: o que Morais Filho chama de romance a crítica literária chama de novela literária. Mas ele se refere à *Gupeva* dessa forma, pois o jornal *Eco da Juventude*, na época de sua publicação, o chamou de romance brasileiro. Nesta parte da pesquisa reproduz-se integralmente a novela indianista, composta de cinco capítulos;

8) *A escrava – conto*: nesta parte também reproduz-se integralmente o texto ficcional abolicionista, fazendo-se referência ao número três da *Revista Maranhense*, revista mensal onde o conto foi publicado;

9) *Enigmas*: Morais Filho encontrou 11 textos em versos de Maria Firmina publicados em periódicos ao longo da década de 1860 que ele denominou de enigmas. Os periódicos *A Verdadeira Marmota*, *O Jardim dos Maranhenses* e *Almanaque de Lembranças Brasileiras*, no entanto chamavam esses textos de charadas. São textos curtos, simples e cujos conteúdos se dirigem a procurar respostas para adivinhações românticas e devaneios. Segue o texto abaixo, publicado em 30 de setembro de 1861 em *O Jardim das Maranhenses*, como exemplo:

Se queres saber a história
Pega no livro. – E depois?
Relativo e conjunção
Dirão todos que vós sois.

Traste mimoso e gentil,
A que as belas valor dão,
Quantos importunos lhes falam
Acham nele distração. (MORAIS FILHO, 1975, p.129).

10) *Álbum*: nesta parte da pesquisa Morais Filho reúne restos de textos que integravam os diários íntimos de Maria Firmina, os quais obteve junto ao filho adotivo da autora, sr. Leude Guimarães. Este relata o seguinte:

Quando vim para São Luís, depois de sua morte, [...] trouxe muitos manuscritos seus. Eram cadernos com romances e poesias e um álbum onde havia muita coisa de sua vida e da nossa família. Mas os ladrões, um dia, entraram no quarto do hotel onde estava hospedado, arrombaram o baú e levaram tudo o que nele havia. Só me deixaram de recordação os restos desse álbum, que encontrei pelo chão. (MORAIS FILHO, 1975, p. 203).

Em geral são textos com impressões melancólicas sobre a vida, lembranças sobre pessoas queridas e de convívio próximo, registros de viagens, nascimentos, mortes e até um texto autobiográfico:

De uma compleição débil e acanhada eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida e por consequência, melancólica: uma espécie de educação freirática veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna eu só conhecia o céu, as estrelas e as flores que minha avó cultivava com esmero talvez; por isso eu tanto ame as flores: foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã...minha terna

irmã, e uma prima querida foram as minhas únicas amigas de infância, e nos seus seios eu derramava meus melancólicos e infantis queixumes; porventura sem causa, mas já bem profundos. (MORAIS FILHO, 1975, p.143).

Neste trecho datado de junho de 1863, escrito em Guimarães, podemos perceber a explicação e as origens desse sentimento melancólico que permeia a escrita ficcional de Maria Firmina, justificada por ela mesma.

11) *Composições musicais*: Morais Filho defende que Maria Firmina tem uma grande importância para a cultura maranhense, sendo a primeira mulher folclorista e compositora de letra e música para autos de bumba meu boi, hinos e canções populares. Nesta parte da pesquisa ele conseguiu reunir tanto fragmentos quanto letras inteiras e partituras dessas composições musicais, as quais obteve por meio de entrevistas com várias pessoas em Guimarães que de uma forma ou de outra conviveram com a autora. Após a coleta, o pesquisador confrontou as informações com os filhos adotivos de Firmina, que as confirmaram. Destas composições destacamos o fragmento do *Hino à libertação dos escravos*, escrito na ocasião do dia 13 de maio de 1888:

Salve Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão! (MORAIS FILHO, 1975, p.177).

12) *Documentos e notas*: esse é um capítulo importantíssimo do livro-pesquisa *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. Aqui Morais Filho relata, explica e mostra (por meio de fotocópias) como realizou sua coleta de dados, como chegou a documentos originais, como checou as informações obtidas e como se deram as entrevistas com as pessoas que conheceram e/ou conviveram com a autora. Questões biográficas como certidão e lugar de nascimento, processo de aposentadoria, descrições físicas e psicológicas são elucidados nesta parte. Mas é também aqui que Morais Filho defende a ideia de Maria Firmina ser a primeira romancista no Brasil, pois ele fez ampla pesquisa bibliográfica sobre um assunto que até hoje parece não haver consenso:

Se alguém quiser referir-se, assim mesmo acidentalmente, à Teresa Margarida da Silva e Orta será apenas para lembrá-la como a primeira mulher nascida no Brasil a escrever um romance (ou novela), sublinhando-se no entanto, que *Aventuras de Diófanos* (1777) pertence à literatura portuguesa. Até onde pude aprofundar minha pesquisa no plano nacional é Maria Firmina dos Reis a segunda mulher nascida no Brasil a publicar um romance – *Úrsula* – mas *Úrsula* é o primeiro romance da literatura brasileira escrito por mulher, e Maria Firmina dos Reis [...] consequentemente a primeira romancista da literatura verde-amarela. (MORAIS FILHO, 1975, p. 206-207).

Sobre o desejado e esperado exemplar de *Úrsula*, Morais Filho relata que recebeu uma cópia do romance enviado por Horácio de Almeida quando este morava no Rio de Janeiro. Almeida era um escritor, jornalista, historiador e bibliófilo paraibano que pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e detinha o exemplar raríssimo com o qual se pôde

realizar a edição fac-similar de 1975. Foi Almeida quem enviou o exemplar original ao então governador do Maranhão, sr. Nunes Freire, que na época financiou a edição tão aguardada por Morais Filho.

No fim do prólogo desta edição fac-similar, de 1975, Almeida reconhece a importância da atuação e pesquisa do poeta maranhense:

Quem muito vem trabalhando para perpetuar a sua memória na terra natal é o acadêmico Nascimento Morais Filho, que não descansa na tarefa de reunir fragmentos para um volume da obra completa da autora, em edição atualizada. O exemplar único do romance *Úrsula*, existente em meu poder, vai voltar ao Estado de onde saiu. É um prazer que tenho em apresentar essa preciosidade bibliográfica ao Maranhão, na pessoa do Governador Nunes Freire, que lhe dará o destino competente. (REIS, 1975, p.VIII).

13) *Finis coronat opus*: na última parte de sua pesquisa, Morais Filho agradece a toda uma equipe que não mediu esforços e boa vontade para que todo esse trabalho fosse publicado e para que Maria Firmina dos Reis obtivesse, finalmente, seu devido lugar na literatura maranhense e brasileira. Destacamos o agradecimento a Celso Coutinho, que:

desde os primeiros momentos do nosso descobrimento de Maria Firmina dos Reis não mediu esforços para o mais retumbante êxito dessa jornada cívica que culminou com o haver ele conseguido do Poder Legislativo, encarnado na pessoa do digno Presidente, Deputado Alexandre Colares Moreira, os recursos financeiros para a confecção do busto de nossa conterrânea ilustre e também o projeto [...] considerando o dia 11 de outubro o Dia da Mulher Maranhense. (MORAIS FILHO, 1975, p. 242).

Morais Filho agradece também ao escultor Flory Gama, autor do busto de Maria Firmina, a Horácio de Almeida “pelo seu espírito de renúncia” e ao político maranhense José Sarney, que viabilizou junto ao Ministro de Comunicações da época, sr. Quandt de Oliveira, o carimbo comemorativo das Comemorações do Sesquicentenário de Nascimento de Maria Firmina dos Reis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer pesquisa em Literatura no Maranhão nunca foi fácil e até hoje ainda nos deparamos com a escassez de fontes bibliográficas seguras, edições esgotadas e que estejam em condições de ser manuseadas. Por isso consideramos de uma coragem e de um empenhamento impressionantes a trajetória percorrida por Moraes Filho no intuito de se dedicar à pesquisa literária escrita e oral em nossa terra. Ele nunca seguiu sozinho nessa empreitada; ao seu lado constam nomes de revisores, pesquisadores, ilustradores e financiadores (estes sempre ligados à Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Maranhão e ao poder público municipal), além dos jornais locais como *O Imparcial* e *O Estado do Maranhão*, que formaram seus pontos de apoio fiéis até o fim de sua vida, em 2009.

Não é verdade, como quiseram conceituar alguns intelectuais na época, que Maria Firmina dos

Reis seja uma escritora menor e de qualidade literária duvidosa. Discordamos, portanto, do autor maranhense Jomar Moraes quando na segunda edição de seu *Apontamentos de Literatura Maranhense* diz que ela foi “uma poetisa medíocre e ficcionista desimportante; MFR não tem, mesmo nos limites da literatura maranhense, a significação que recentemente pretenderam atribuir-lhe.” (1977, p.136).

Para além do título de *descobridor da primeira romancista do Brasil*, o qual tem sido debatido nos últimos tempos, não se pode esquecer e negar que foi Nascimento Moraes Filho quem fez e refez todo o percurso para resgatar a memória de uma escritora maranhense que por boa parte do século XX havia caído no esquecimento ingrato de seus conterrâneos. E ele não só resgatou sua memória, vida e obra, mas publicou-a em livros, o que até então não havia sido feito.

A tentativa de descredenciar ou desmerecer toda a pesquisa literária de grande porte realizada por Moraes Filho em uma época escassa de recursos para o que se podia entender sobre o significado do termo *pesquisa* sempre existiu de forma parcial; nunca total. Lembramos que, até sua morte e mesmo em dias atuais, o poeta maranhense foi reconhecido não só por suas pesquisas, lutas sociais e escrita poética, mas principalmente por sua humanidade e respeito à memória de seu povo. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Assis. (org.) *A poesia maranhense no século XX*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- CORRÊA, Rossini. *O modernismo no Maranhão*. Brasília: Corrêa e Corrêa Ed., 1989.
- GARRIDO, Natércia Moraes. *A poética modernista em Azulejos de Nascimento Morais Filho*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019.
- MORAES, Jomar. *Apontamentos de Literatura Maranhense*. 2a. ed. São Luís: SIOGE, 1977.
- MORAES, FILHO, Nascimento. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luís: SIOGE, 1975.
- REIS, Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*. Edição *fac-similar*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpia Editora, 1975.
- _____, Maria Firmina dos Reis. *Cantos à beira-mar*. 2a. ed. *fac-similar*. São Luís: SIOGE, 1976.
- SANTOS NETO, Manoel. Nascimento Morais Filho: o poeta do protesto e da resistência. In: *Suplemento Cultural & Literário JP: Guesa Errante*. São Luís, MA: Jornal Pequeno, 2005. Anuário, vol.3.
- Acervo Digital Biblioteca Pública Benedito Leite. <<http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>> Acesso em: 10 de jan. de 2020.



Carvão e aquarela